

FÚLVIA ROSEMBERG

(1942-2014)

<http://dx.doi.org/10.1590/198053140020>

DESDE QUE A FÚLVIA SE FOI, HÁ MENOS DE UM MÊS, recebo pedidos para dizer algumas palavras sobre ela, nos diversos encontros que têm ocorrido. Até agora eu não tinha conseguido fazer isso, mas hoje vou enfrentar esse desafio pela primeira vez.

Antes de conhecê-la, ouvia falar dela, primeiro no Ginásio Experimental da Lapa, o GEPE 1, como alguém que fazia parte de uma misteriosa equipe A, com a qual eu nunca me encontrei. Depois, já na Fundação Carlos Chagas, nos anos 70, onde eu era uma assistente de pesquisa na equipe da psicóloga Ana Maria Poppovic, seu nome surgiu como mais uma pesquisadora sênior que ia chegar ao Brasil, com um charmoso doutorado francês. Embora um pouco mais velha que ela, eu fazia parte, junto de Elba, Guiomar, Nara, Yara, do grupo de assistentes das pesquisadoras doutoras que chefiavam os projetos de pesquisa. Nós ainda não tínhamos nos titulado, mas apenas iniciado nossos cursos de pós-graduação.

Logo que chegou, Fúlvia montou uma equipe para trabalhar na área que a interessava mais no momento, que era a crítica da literatura infantil. Feminista, chegava com uma bagagem intelectual ainda pouco conhecida entre nós, com os primeiros ecos das políticas da diferença, que aqui mal arranhavam as denúncias das desigualdades sociais. Era como se Maio de 68 chegasse à FCC pela voz de Fúlvia. Os demais

pesquisadores, talvez com a exceção de Bernardete Gatti, tinham uma formação com maior influência norte-americana.

Minha ligação com o feminismo era pessoal e nada profissional: eu também tinha vivido dois anos em Berkeley, Califórnia, na efervescência dos movimentos de contracultura e, na volta ao Brasil, participava de um dos chamados “grupos de reflexão” em São Paulo. Se bem me lembro, o primeiro projeto de que eu participei convidada pela Fúlvia, junto com a Elba, foi a Bibliografia Anotada sobre a Mulher Brasileira; naqueles anos ainda não se usava a categoria gênero.

Naquele momento começou a se formar na Carlos Chagas um grupo sobre a condição da mulher, com a liderança da Carmen Barroso. Visto com desconfiança por alguns pesquisadores, esse grupo se ampliou, congregando diversas acadêmicas de diferentes áreas e instituições, que se reuniam em seminários realizados na casa do bairro de Pinheiros onde, naqueles anos, funcionava o Departamento de Pesquisas Educacionais. Muitas de minhas companheiras do grupo informal de fora da FCC também começaram a participar dessas atividades; o grupo de estudos “sobre a mulher” tornava-se famoso no pedaço.

Um fato marcante para o início de uma colaboração mais próxima entre mim e Fúlvia foi a participação da equipe da FCC na Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Mulher, no Congresso Nacional, em pleno governo militar. Depois de muita discussão, resolvemos aceitar o convite do senador Nelson Carneiro: Carmem falaria sobre a área do trabalho; Fúlvia, sobre literatura infantil; Guiomar, sobre educação; e “você, Maria, vai falar sobre creche”. Eu tinha trabalhado em pesquisas sobre crianças de pré-escola, na equipe de Ana Maria Poppovic, e, mesmo sem saber nada sobre creches, tive de pôr mãos à obra e preparar meu depoimento.

A partir daí, com apoio de uma dotação da Fundação Ford, que cobria diversos projetos na ainda chamada “área de mulher”, começou nossa parceria. Com a generosidade de sempre, Fúlvia me convidou a coordenar junto com ela o projeto sobre creches. Na realidade, esse projeto funcionava como um guarda-chuva, que abrigava diversas iniciativas que se desenvolviam na intersecção entre a assessoria aos movimentos sociais, que surgiam com força na passagem para os anos 80, e a pesquisa. A partir das primeiras eleições diretas para governador, eu participava também do Conselho da Condição Feminina, recém-criado, e diversas coisas se somavam de todos os lados: o jornal *Mulherio*, que Fúlvia coordenava, os cursos com pesquisadores estrangeiros, convidados por ela, que deram origem ao livro *Creches e Pré-escolas no Hemisfério Norte*, a Comissão Especial de Inquérito – CEI – sobre creches na Câmara Municipal de São Paulo, a assessoria à prefeitura de Belo Horizonte, onde conhecemos e trabalhamos com Rita Coelho e Ângela Barreto, além de Livia Vieira, que já conhecíamos – projeto esse que deu origem

aos *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. A iniciativa de buscar recursos era sempre de Fúlvia, por exemplo, conseguindo um financiamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep – para reconstruir a história do movimento de luta por creches de São Paulo.

A imagem que fica para mim desse período é de uma colaboração que permitia que ligássemos fios puxados de todos os lados para os quais nos levavam o tema das creches, um tema ainda considerado um forasteiro no campo da educação. Esses fios eram diferentes, no caso de nós duas, mas sempre acabavam se somando e fazendo frutificar, de diversas maneiras, o nosso trabalho. Isso fazia com que nem sempre nós duas fizéssemos as mesmas coisas ao mesmo tempo, mas que, de alguma maneira, a gente acabasse compondo um território comum a partir de atividades diferentes. Uma vez ela me disse: nossa colaboração funciona *en douceur*, usando a expressão francesa.

É importante ressaltar que durante esse tempo, que correspondeu mais ou menos aos anos 80 e 90, Fúlvia fazia muitas outras coisas e dedicava-se a outros temas, fazendo prova de sua imensa capacidade de trabalho. Junto com Regina Pahim, desenvolvia projetos sobre as relações raciais, um campo de estudos também pioneiro, nas interfaces com a educação e os movimentos sociais. Lá atrás, nos trabalhos sobre a literatura infantil, Fúlvia já lançara seu olhar perscrutador e inquieto sobre os preconceitos de raça e de gênero que se manifestavam nos livros infantis. Agora, esse olhar abrangia outros fenômenos sociais e influenciava também nossos estudos sobre a creche: a pobreza e a educação para os pobres confundem-se em nosso país com a pertinência racial, como ela mostrou muito bem em trabalhos posteriores.

Ao aceitar o enorme desafio de coordenar o Programa de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford, que chegou ao Brasil nos anos 2000, Fúlvia mais uma vez me chamou a participar com ela de sua coordenação. Quando eu relutei, pois não me julgava preparada para tratar de ações afirmativas no campo das relações étnico-raciais, ela alegou que minha experiência na presidência da Anped por quatro anos poderia ajudar a montar uma metodologia que fortalecesse os candidatos nas seleções para os cursos de pós-graduação em diversas áreas, como proposto pelo programa. Fúlvia dedicou-se intensamente, como tudo o que ela fazia, mas talvez em um grau ainda maior, a esse programa. Eu tive uma participação maior no início e depois somente nas seleções anuais; aprendi muito, com ela e com os componentes das comissões, naqueles dias de debates, entrevistas e decisões difíceis.

Mesmo assim, ela não abandonou o tema da creche, sendo reconhecida como uma das pessoas chave da área, aquelas que são convocadas nos momentos em que conquistas são ameaçadas de retrocesso, tendo sempre uma resposta pronta e contundente para dar. Nos intervalos,

seus *e-mails* com sugestões de leitura, suas citações críticas sobre alguma coisa que escrevi, suas conversas nos corredores e intervalos de reuniões, nunca deixaram de me acompanhar.

E não vão deixar de me acompanhar, mesmo de agora em diante. Tal qual o Grilo Falante da história, sua voz instigante, crítica, vai continuar a me seguir, sei que vai: essa voz já ficou embutida dentro de mim, junto com seu sorrisinho provocador, mas sempre muito amigo.

MARIA MALTA CAMPOS

Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

UMA MULHER PETULANTE!

No dicionário *Houaiss*, o termo petulante é definido como: “aquele que se atreve, que ou quem se mostra ousado; atrevido; que ou aquele que tem ímpeto; que ou quem demonstra vivacidade”.

Conheci a Fúlvia no início dos anos de 1990, recém-formada e trabalhando na Secretaria do Menor (do Estado de São Paulo). Fui chamada para uma reunião, como “especialista em números”, com toda a cúpula da Secretaria para questionar e contrapor as propostas de Fúlvia para o Censo de Meninos de Rua em São Paulo. Foram bons embates e, obviamente, ela coordenou e realizou a “contagem de meninos e meninas de rua” com a sua competência, desconstruindo cada um dos meus questionamentos. Voltamos a nos encontrar em 2012; ela precisava de alguém que a ajudasse “com bases de dados”. Ao visitá-la na Fundação para uma primeira conversa, relembrei nossos embates; ela não recordava, sorte minha!

Foram dois anos e meio de parcerias. A cada dez minutos de conversas sobre dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, Inep ou qualquer outra base, isso me rendia duas semanas de estudos, análises e experimentações, até uma nova e esperada conversa. Sua visão assertiva e crítica em assuntos como relações de gênero, mulheres, relações raciais e infância contribuíram imensamente para a minha formação como pesquisadora. A melhor lembrança foram as discussões sobre o “cálculo de idade nas bases de dados”, idas e vindas de cálculos e raciocínios, até desvendar e compreender o sentido dos números.

Estive presente em seu último evento público, o VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) – Copene –, ocorrido em Belém do Pará, no início de agosto. O reconhecimento de sua importância, como referência e militância, na defesa da garantia do acesso de negros ao ensino superior, e, em especial, à pós-graduação, estava presente

em cada encontro com pesquisadores, alunos ou militantes. A mesma qualidade produtiva e reflexiva pode ser observada em seus estudos nas temáticas de gênero e educação infantil. Enfim, uma pesquisadora que, com primazia e competência, dava conta dos bebês aos pós-graduados.

Fúlvia não era uma pessoa que passava despercebida... seus posicionamentos eram ousados e – por que não dizer – atrevidos! Tinha uma vivacidade que contagiava e surpreendia quem estava no seu entorno. Nossa tarefa é árdua, mas seu legado estará presente em cada um de nossos trabalhos. Se a sensação inicial é de vazio, a seguinte é de gratidão, por ter convivido com uma pessoa tão petulante.

AMÉLIA ARTES

Fundação Carlos Chagas

ESTOU PROFUNDAMENTE TRISTE. A generosidade e radicalização da integridade intelectual, ética e pessoal de Fúlvia marcaram profundamente a todos nós que tivemos o privilégio de conviver e trabalhar com ela.

Seu carinho e dedicação pessoal para com cada um dos bolsistas da International Fellowships Program – IFPs – e sua determinação de qualificar o debate de ação afirmativa explorando a fundo as contradições e complementariedades dos ritos acadêmicos e dos saberes e conhecimentos dos grupos mais vulneráveis da sociedade nos inspiram e nos mobilizam.

Nossa mestra se vai de maneira inesperada e como diria Mario Quintana:

“Esta vida é uma estranha hospedaria,
De onde se parte quase sempre às tontas,
Pois nunca as nossas malas estão prontas,
E a nossa conta nunca está em dia.”

ANA TONI

Ex-Representante da Fundação Ford pelo período 2003-2011

VIVA FÚLVIA

Conheci-a ainda nos anos 70, jovem repórter do semanário *Shopping News*, quando Fúlvia Rosemberg me concedeu entrevista sobre o preconceito racial que transpirava das ilustrações de livros infantis.

Na década seguinte, tive o privilégio de desfrutar de certa intimidade com ela, dado o trabalho conjunto no jornal *Mulherio*, que fundara

com Carmen Barroso e pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, e jamais abandonara – mãe zelosa, mesmo quando a publicação se desinstitucionalizou para tornar-se uma ONG.

Durante os anos que editei o jornal, era amiga sempre presente às reuniões de pauta e avaliação mensais, ao lado da irmã Maria Lúcia de Barros Mott, tão querida Cuca, e Albertina Costa. Era baliza, voz crítica e serena em defesa dos objetivos do *Mulherio*.

A última vez que falamos foi sobre netos. “Sou uma avó palhaça”, disse, e rimos... Isso não me saiu mais da cabeça... Foi em meados do ano passado. Tentávamos articular a publicação, na revista digital *Outras Palavras*, de artigo sobre o programa Ação Afirmativa na Pós-Graduação. “Um programa interessante foi a AA¹ na pós-graduação, receberam bolsas muitos indígenas, e tem as experiências latino-americanas”, escreveu em nossa troca de *e-mails*.

Sempre o ativismo. Contra o racismo, pela afirmação das mulheres, em defesa da criança. Bela, alegre, generosa, Fúlvia Rosenberg foi com a mesma exuberância ativista e pensadora, mãe e avó. Deixa muitas saudades pelo afeto e conhecimento que irradiava.

INÊS CASTILHO

Jornalista, foi editora do jornal *Mulherio* e trabalha hoje na revista digital *Outras Palavras*

CONVIVENDO COM FÚLVIA

Foi uma honra e um privilégio conviver com Fúlvia por muitos anos. Nosso relacionamento não era somente profissional, éramos amigas. Amiga que guardarei para sempre no lado esquerdo do peito.

Muitas histórias para contar...

Tivemos momentos alegres e tristes nessa caminhada. O bom é que tivemos mais momentos alegres.

Fúlvia foi para mim uma referência muito forte, admirável mulher, intelectual, ativista, transparente em suas ações. Seu legado marcará gerações.

Eu a comparava com uma atleta, “Atleta da vida”.

“Atleta da vida”

Correu atrás dos objetivos, lançou propostas, saltou obstáculos, driblou as dificuldades, lutou muitas lutas, patinou em direção ao pódio e ergueu a taça da vitória. Vitória da vida vivida intensamente.

MARCIA CAXETA

Fundação Carlos Chagas

ANTES DE COMEÇAR, QUERO DIZER QUE TUDO QUE EU FALAR SOBRE A Fúlvia é redundante, por ser, na maioria das vezes, familiar para todos vocês. Se estamos todos aqui, muitos ainda chocados e inconformados, com a forma abrupta como faleceu, é porque sabemos da sua importância. E, com certeza, todas e todos, aqui, têm alguma marca da convivência singular com a pessoa, professora, orientadora, supervisora, chefe, leitora, avaliadora, escritora, militante, representante, coordenadora, pós-doutora, mulher, mãe, avó, amiga – Fúlvia Maria de Barros Mott Rosemberg.

Quando ingressamos na pós-graduação, desde a primeira aula, a professora Fúlvia deixava fortemente demarcada a sua opinião e posição sobre a formação acadêmica. Ela reforçava com veemência que a pós é uma nova formação, uma nova capacitação e campo de trabalho, agora como pesquisadores.

A professora Fúlvia explicava para todas e todos as suas condições de trabalho, nas disciplinas que ministrava.

A orientadora Fúlvia deixava clara sua principal posição – não importavam as nossas condições de origem, mas, sim, qual era o nosso compromisso e dedicação daqui para frente. A orientadora Fúlvia, para destacar sua posição, muitas vezes afirmava frases do tipo:

“vai ou não vai”; “preciso saber qual a sua decisão”,

“ou entra de cabeça ou vai vender sanduíche na praia;

“aqui é espaço de produção de conhecimento, o restante deixe em suspenso”;

“você precisa ser honesto e definir prioridades”.

A orientadora Fúlvia não gostava de estabelecer relações acadêmicas ou profissionais com muitas reservas, ressalvas, ou condicionantes – ela só queria uma coisa: o mesmo compromisso e envolvimento que ela oferecia – e, a partir daí, se possível, sempre mais, nunca menos.

A sua postura era coerente com a sua história acadêmica. Atendendo à sugestão da professora Bader, fiz um rápido balanço de sua produção em seu currículo Lattes. Verifiquei que, desde 1973, quando inicia sua produção acadêmica, entre trabalhos publicados em anais de eventos, resumos, artigos completos, livros e capítulos, apresentações, trabalhos técnicos, ela soma um total de 625 referências. Isso pode ser traduzido em uma média de 15 indicadores de produção por ano, mais de um por mês, nos últimos 40 anos.

Em paralelo, desde 1987, começaram as suas orientações e participações em bancas de qualificação e defesa de teses e doutorados. Elas somam 167 contribuições. Uma média de seis por ano. Uma a cada dois meses, nos últimos 27 anos.

A orientadora Fúlvia teve sob sua responsabilidade 16 doutorados e 42 mestrados.

Da perspectiva qualitativa destaco alguns nomes que passaram por sua orientação. Citarei só alguns, dos quais estive próximo, que

hoje são referências na academia e nos movimentos sociais: Luiz Alberto de Oliveira, Leila Nazareth, Antônio Honório, Celia Escanfella, Marcelo Andrade, Paulo Vinicius Silva, Rosângela Freitas, Thereza Montenegro, Edith Piza, Flavio Urra, Edmar da Rocha, Dayse Bernardi, Gabriela Calazans, Margareth Arilha, Silvia Rosenbaum, Jorge Lyra, Marli de Oliveira, Elizabete Franco Cruz, Cida Bento.

Ao citar aqui alguns nomes de mestres e doutores formados pela professora Fúlvia, deixo assinalados não só números, mas a marca da qualidade e do compromisso social e acadêmico que ela imprimiu na maioria das/os suas/seus orientandas/os.

O espaço do Negri – Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade – foi um lugar de estudos, pesquisa, militância, descobertas, encontros, amizades e paixões. Ela colocava todos em situação de interação, de discussão, de troca. Com toda tensão e prazer que as condições implicavam. Parafraseando Caetano Veloso, eu diria que “cada um sabe a dor e a delícia de ter passado” pelo Negri.

Fúlvia cobrava compromisso, apontava o tempo todo o quanto estava envolvida com os nossos projetos – um dos recursos era nunca deixar passar em branco o quanto ela tinha disponibilizado do seu tempo lendo e dando sugestões aos nossos textos – fiquei seis horas do meu sábado ou domingo. Ela esperava o mesmo envolvimento de todas e todos os orientandos. Sendo assim, ela não tinha nenhum constrangimento em ligar logo cedo ou tarde da noite, final de semana, férias, feriados, para passar orientações ou cobrar alguma coisa. E terminar com um “vamos trabalhar”. Sempre no plural. Trabalho que era uma fonte contínua de mudanças, considerações, correções e revisões de rota. A cada orientação sempre tínhamos uma surpresa – um novo artigo para ler, uma nova ponderação, nova organização, revisões e revisões que só tinham fim às vésperas da defesa. Acho que quase todos seus orientandos têm uma versão final da dissertação ou da tese, utilizada na defesa, ainda com dezenas de sugestões e revisões feitas pela Fúlvia.

Ficava muito irritada e chateada quando alguém dizia que ela era autoritária. Ela de pronto explicava que não era autoritária, mas, sim, que tinha autoridade sobre o que afirmava. Ela era assertiva, contundente, propositiva. Em decorrência das suas firmes posições, ocorreram alguns mal-entendidos que geraram desafetos. Sempre que possível, ela, humildemente, procurava conversar sobre essas situações e fazer considerações para contextualizar sua posição.

É possível listar dezenas de adjetivos e atributos para a professora e orientadora Fúlvia durante as aulas e no Negri – vou listar algumas: exigente, firme, assertiva, intensa, segura, focada, atenta, ágil, inconformada, insatisfeita, perfeccionista, disposta, incansável...

Essa pedagógica postura imprimia em todos nós um constante sentimento de desconforto, de instabilidade que ela esperava que

resultasse em curiosidade, interesse, profundidade, ética, humildade e rigor acadêmico. Com certeza, com a maioria dos seus orientandos, funcionou.

Gostaria, por fim, de fazer uma ponderação mais pessoal. Convivi quase que cotidianamente com a Fúlvia por 16 anos. Desde a minha entrada na pós-graduação e depois, na Fundação Carlos Chagas, no programa de ação afirmativa como subgerente do projeto. Convivi com ela como professora, orientadora, chefe, leitora, avaliadora, escritora, militante, representante, coordenadora, e compartilhei alguns momentos como mãe e avó. Fora do meu núcleo familiar (mãe, irmã e filha) foi a mulher com quem mais convivi. Com todo esse tempo e frequência, é difícil dimensionar o quanto a nossa opção de convivência constituiu a minha subjetividade. De tudo que passamos, eu só tenho uma coisa a afirmar – não sei me pensar sem ela e sem suas contribuições para a minha vida.

Para descontrair, gostaria de terminar imaginando que, se existe alguma possibilidade de a Fúlvia estar me ouvindo neste momento, pode ser que ela esteja contente com o que eu disse, mas, com certeza, ela deve estar muito p., por não ter tido a chance de revisar o meu texto.

LEANDRO FEITOSA ANDRADE

Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – e das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU

FÚLVIA: PROFESSORA CUIDADOSA, PESQUISADORA SOFISTICADA E MULHER CORAJOSA

Quando cheguei à Fundação Carlos Chagas, em 1979, Fúlvia Rosenberg já era um nome bem conhecido. Formada em psicologia pela Universidade de São Paulo, tinha realizado seu doutorado em Psicologia da Infância na Universidade de Paris e já lecionava no programa de pós-graduação em psicologia social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Naquele tempo, a impressão que ela dava a nós, aspirantes a pesquisadores, era a de uma pessoa extremamente inquieta, intensamente conectada com o mundo e interessada em muitas de suas facetas, dentre as quais se destacavam três: os estereótipos sexuais por meio dos quais os livros infantis apresentavam seus personagens às crianças; os poucos e precários serviços que a educação infantil oferecia às crianças pequenas e a necessidade de se contar com mais e melhores locais onde as mães trabalhadoras pudessem deixar seus filhos com tranquilidade e sem culpa, seguras de que estariam sendo bem cuidados em um ambiente estimulante, no qual poderiam crescer e se desenvolver.

Preocupava-se, também, com as discrepâncias no tratamento dispensado a homens e mulheres em muitas e diversas esferas da vida

social, mostrando com ardor – e humor – as vantagens indevidas que o sexo masculino levava sobre o feminino. O jornal *Mulherio*, do qual me lembro com especial fascínio, atestou bem esse seu espírito que mesclava seriedade e leveza: Fúlvia foi uma das fundadoras da publicação que divulgava, sistemática e amplamente, informações e dados sobre as dificuldades que as mulheres brasileiras enfrentavam. Depois, eu a vi preocupada com os preconceitos e discriminações que marcam nossa sociedade e que vão além dos de classe social. Fúlvia lutou contra o racismo, notadamente o que prejudica (ou impede) a plena escolarização de negros, pardos e indígenas. Propôs e obteve financiamento da Fundação Ford para o Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação que, sob sua liderança, preparou um número expressivo de pessoas para a entrada e permanência bem-sucedida nesse nível de ensino, por meio de ações articuladas e meticulosamente acompanhadas. Mais recentemente, seu envolvimento com o programa Equidade na Pós-Graduação permitia-lhe compartilhar com as universidades brasileiras sua experiência em ações afirmativas, assegurando-se de que elas mesmas atuassem no sentido de abrir espaço para aqueles que, de outra forma, não poderiam completar estudos pós-graduados.

Um pouco mais tarde, no meio dos anos 80, compartilhei mais um espaço de trabalho com Fúlvia, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, local onde eu passara também a lecionar. Lá, sua fama de colega competente aliava-se à de orientadora exigente. Era bem conhecida, também, sua intolerância com a falta de ética e, famoso, seu compromisso com o conhecimento: ela ensinou a muitos de nós, seus colegas e orientandos, que, se o problema de pesquisa é sempre político, a coleta exige exatidão e a análise de dados, o abandono de ideias prévias, para que o compromisso com a transformação social seja sempre preservado. Ainda na PUC-SP, fundou e coordenou o Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade – Negri, no qual se aglutinavam estudantes que buscavam sua ajuda para se constituírem em pesquisadores da mesma estirpe que ela.

A militância de Fúlvia em prol dos direitos sociais foi orientada pela mesma seriedade com que encarava a vida acadêmica e a pesquisa. Em 1992, com o assassinato de quase 90 mulheres todos os dias no país, Fúlvia foi a Brasília, participar da CPI da Violência contra a Mulher, instaurada pelo senador Nelson Carneiro, denunciando uma noção de justiça que, no Brasil, se manifestava com base na classe social, no sexo e na cor. Em 2010, ela defendeu, no Senado Nacional, representante que era da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd – e do Movimento Inter fóruns de Educação Infantil do Brasil – MIEIB –, o projeto de lei que alterava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (PLS 414 e PLC 6755), afirmando a importância de rever seus aspectos no que dizia respeito à educação

infantil em creches e em pré-escolas. Afinal, argumentava ela, a Emenda Constitucional 59/09 (EC 59/09) já tinha declarado que a educação básica passara a ser obrigatória para a faixa etária de 4 a 17 anos de idade.

A sociedade brasileira perdeu, com sua morte, uma professora cuidadosa, uma pesquisadora sofisticada e, mais do que isso, uma pessoa que combatia incessantemente as desigualdades de gênero e de raça e, mais recentemente, reivindicava, mais uma vez com ineditismo, o pronto reconhecimento da cidadania dos bebês. Vamos sentir muita falta de Fúlvia em nosso dia a dia: ela era determinada e corajosa, tinha um olhar forte e perspicaz, riso alto e sonoro. Ocupava todo o espaço, contagiava-o com sua alegria ou com sua braveza, exigia sempre mais e mais de todos a sua volta. Mas, diferentemente de tantos, prestava atenção no impacto que suas posições tinham sobre os outros e, como poucos hoje o fazem, oferecia-se para uma conversa franca, reconhecia prontamente eventuais erros e, se preciso fosse, desculpava-se. Generosamente, distribuía pequenas delicadezas aos que estavam em sua volta. Sou muito grata à vida por ter-me permitido conviver com Fúlvia Rosenberg por tantos anos.

CLAUDIA DAVIS
Fundação Carlos Chagas

FÚLVIA ROSEMBERG, PRESENTE!

Conheci Fúlvia Rosenberg, primeiro, por seus textos. Fazia mestrado e pesquisava a construção da agenda de gênero no sistema educacional brasileiro. Encontrar-me com suas reflexões quando tentava organizar e aprofundar as minhas foi, como sempre é nesses casos, sair da solidão para começar a entabular ricos e animados diálogos – ainda que apenas dentro da minha cabeça naquele então.

Eu lia as ideias de Fúlvia e espelhava nelas as minhas próprias – arredondava, aprofundava, aparava, arrematava. Não é sempre que temos a sorte de encontrar essa qualidade de interlocução em um processo de pesquisa e reflexão acadêmica. Eu tive.

Foi Fúlvia quem me explicou por onde caminhava – e por onde não caminhava – o debate feminista acerca da educação formal no Brasil. Foi ela quem me conduziu o olhar para além dos dados de acesso, sem, no entanto, se afastar do universo das políticas educacionais. Foi com Fúlvia, também, que percorri os caminhos traçados pelos acordos e convenções internacionais do campo da educação, avaliando as coincidências e as distâncias em relação às referências internacionais do campo feminista.

Apesar de tão próxima para mim em todo o percurso do mestrado, foi apenas alguns anos depois de terminada a dissertação que

a conheci um pouco além de seus textos. Escrevemos juntas, para júbilo meu, sem dúvida, o capítulo sobre a educação e as mulheres do *Progresso das Mulheres no Brasil*, lançado pela Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação – Cepia – e ONU Mulheres, em 2012.

Nosso último encontro aconteceu em 7 de julho deste 2014, em Brasília. Fúlvia integrou a banca examinadora da minha tese de doutorado e fez uma arguição rigorosa, atenta, impecável. E que me deixou completamente tonta. Passei as duas semanas seguintes à defesa dialogando mentalmente com ela, na tentativa de responder às questões que ela levantara.

Acima de qualquer questionamento específico, acima de todas as exigências por rigor acadêmico, o interrogante que permaneceu ecoando em mim foi o de como aprofundar nosso diálogo e nosso enfrentamento com nossas próprias verdades no exercício da construção de conhecimento – questão de central importância para quem produz conhecimento de mãos dadas com algum nível de ativismo político.

A partida de Fúlvia precipitou-se, deixando, para mim, um enorme vazio e a suspensão de muitas conversas. A todas e todos nós que tivemos a sorte de cruzar caminho com ela, resta crer na volatilidade do pensamento, que nos habita e nos transborda, evapora de nós pra chover ideia em outras inquietas mentes. Que viva sempre ideia, Fúlvia Rosemberg. Presente!

NINA MADSEN

Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília e integrante do Colegiado de Gestão do Centro Feminista de Estudos e Assessoria – CFEMEA

FÚLVIA ROSEMBERG: HONRAR A VIDA E REAFIRMAR A LUTA!

A academia brasileira perde uma das suas mais brilhantes mentes. A luta pela democratização do acesso à universidade pública perde uma lutadora incansável e nós, do Programa Bolsa, perdemos nossa maior aliada política. O mundo fica mais pobre sem Fúlvia Rosemberg e não há homenagem à altura da sua história. Queria escrever um texto diferente, homenageando Fúlvia em vida. Ela iria reclamar da minha homenagem, mas essa história de escrever texto *post-mortem* “enche o saco” ainda mais, estou certo que diria. O diabo é que, apesar da morte estar escrita em edital, como diria Guimarães Rosa, ela é uma tragédia quando a vida é arrancada de nossas mãos. Fúlvia tinha muitos planos de inclusão das gentes negras e indígenas no ensino superior. Daí porque sua morte repentina deixa um vazio ainda maior. Meu relato pessoal é uma tentativa desesperada de fazer sentido da sua ausência.

A última vez que enchi sua paciência foi em 2012, quando o Ministério da Educação e Cultura – MEC – estava desenhando uma

proposta de ações afirmativas para o mestrado. A Fúlvia ofereceu sua experiência intermediando um diálogo com a gente da militância e a assessoria do ministro da Educação para nascer uma experiência que imita o Programa Equidades, da FCC/Fundação Ford.

Fúlvia não apenas acreditava na diversidade como um imperativo ético-moral, para além das pesquisas acadêmicas. Ela também acreditava na mudança de paradigmas produzida por nossa presença nos espaços tradicionalmente brancos de produção de conhecimento. Nesse sentido, ela era incansável em chamar a atenção para que fôssemos “ousados” e aproveitássemos o que o programa tem a oferecer. No último encontro dos/das bolsistas em São Paulo do qual participei, Fúlvia demonstrou preocupação com certa inércia em defender o programa, investigar seus impactos, produzir conhecimento sobre a experiência singular do maior programa de ações afirmativas no Brasil. Ela dizia, por exemplo, que apesar de um banco de dados extraordinário, poucos bolsistas haviam feito análises sobre o programa.

Minha dor maior é não poder mais contar com a generosidade acadêmica e a crítica honesta da Fúlvia, artigos de luxo em um mundo acadêmico marcado pela competitividade doentia e a insegurança predatória. Fúlvia não hesitava em compartilhar ideias, em discutir detalhes, em pedir prudência com publicações imaturas. “Ser ousados e ter senso da realidade”, dizia. Deveríamos nos lançar ao mar, mas ter consciência de que os olhos do mundo estavam sobre nós e sobre o programa. Minha experiência pessoal: briguei com a Fúlvia por não ter um artigo aprovado para a coletânea do Programa Bolsa. Espernei, disse que tinha posto muito trabalho ali, disse os-do-fim. Fúlvia brigou, retrucou e depois me assegurou: Jaime, nesse momento em que os olhos da elite conservadora estão sobre o Programa Bolsa, é preciso ser mais criterioso, revisar, revisar e revisar. Ela estava certa e oxalá tivesse seguido seus conselhos um pouco antes. Ah, Fúlvia!

Mas a Fúlvia também estava lá quando a coisa ficava feia. No auge dos ataques do Primeiro Comando da Capital – PCC –, em 2006, desde os Estados Unidos eu escrevi um texto jornalístico argumentando que os ataques eram uma violência legítima de uma população carcerária massacrada pelo Estado penal. Houve quem, do alto de sua posição de professor acadêmico de uma certa antropologia carioca, ligasse para a Fúlvia e para o escritório da Ford em Nova York para reclamar do meu incitamento à violência. Fúlvia apagou o incêndio e salvou minha bolsa.

Devemos a Fúlvia Rosenberg uma homenagem por sua investigação pioneira sobre a escola como *locus* de produção das desigualdades raciais e de gênero, por sua agenda feminista, por seu papel fundamental na luta pela igualdade de direitos e de oportunidades na pós-graduação brasileira, por aceitar os ossos do ofício em um programa sob permanente ataque do lado de cá e do lado de lá. Honrar a vida da Fúlvia

é aceitar a generosidade acadêmica como princípio político e não perder de vista a nossa responsabilidade com quem vem por aí. Reconhecendo a sua aposta política em um programa de intervenção estratégica com impacto ainda por ser mensurado, eu me permito estar doído e zangado com a Fúlvia. Sim, a morte está escrita em edital, mas não era esse o *script* nem era o tempo. Fúlvia Rosenberg, presente!

JAIME A. ALVES

Bolsista do International Fellowships Program – IFPs/ Programa Bolsa da Ford-Fundação Carlos Chagas e Africana Research Center/ Penn State University

SAUDADE DA FÚLVIA

Desde o congresso Fazendo Gênero de 2013, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, Floripa, estive mais intensamente em contato com a Fúlvia.

Nossa amizade vem com a militância por creche e o feminismo desde os anos finais da ditadura militar, com a luta pela volta do estado de direito e o direito das crianças de 0-6 anos à educação em creches e pré-escolas. Nos encontramos no Conselho da Criança, criado no governo Franco Montoro (1982-1985), e na Secretaria do Menor, criada no governo estadual de Orestes Quércia (1986-1990). Antes disso, em 1981, participei do 2º Encontro de Creches do Estado de São Paulo, realizado pela Fundação Carlos Chagas, em Piracicaba, onde eu era membro da equipe pedagógica que criava um programa na Secretaria Municipal de Educação (Centro Polivalente de Educação e Cultura de Piracicaba – CEPEC) a partir da creche para crianças de 0-3 anos. E aí continuamos... Saudade!

Pesquisando, dando aulas, escrevendo artigos, orientando teses, fazendo formação em redes municipais de educação infantil, me apoio em alguns conceitos e ideias fundantes construídas pela Fúlvia: adultocentrismo, expansão só com qualidade, qual psicologia?, como a comunidade pode ser responsável pela política de creche?, subordinação de raça, gênero e idade; sísifo e a política para a educação infantil, entre outras.

No meio do ano passado, eu e Daniela Finco a convidamos para participar do simpósio Creche e Feminismo, que propúnhamos para a 10ª edição do Fazendo Gênero – FG. Ela topou. Mas, em setembro, quando da realização do evento, Fúlvia foi ver o neto em Paris, onde ele tinha se acidentado rodopiando, chamado pela Fúlvia de “barato de nenê”. Assim, não podendo estar presente nem para abrir o nosso simpósio nem para comentar cada pesquisa que seria apresentada, nos enviou por escrito suas análises e comentários das pesquisas selecionadas para serem discutidas .

Combinamos que esse seu texto seria publicado no livro *Creche e feminismo*, que estava sendo organizado por mim e Daniela Finco (e depois também vem Marcia Gobbi), com uma outra seleção daquelas pesquisas apresentadas no simpósio. Fúlvia deveria ler, então, os textos completos elaborados com vistas à publicação do livro e assim finalizar o seu próprio texto, fechando o livro.

Já hospitalizada quando os textos completos chegaram, nos pedi um tempo depois que iniciasse a quimioterapia para definir a data em que nos entregaria seu texto. Como não passou bem depois da primeira quimio, nos propôs a troca desse seu texto que estava em elaboração por um outro seu texto produto de fala no México em junho passado sobre a cidadania dos bebês. Concordamos, lógico.

Ela disse que nos enviaria em seguida mas... não deu tempo.

Bernardete Gatti e Júlia Rosemberg já nos encaminharam o belíssimo texto que comporá o livro.

Saudades, Fúlvia!

ANA LÚCIA GOULART DE FARIA

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
– Unicamp

IRMÃ AUSENTE NA VISITA A CASA PATERNA

Volta à Carlos Chagas após longos anos.

Pedaço de mim, pedaço de vida, grandes momentos revisitados.

Revido meu nascimento profissional: colegas, amigas – na verdade, irmãs.

Também meu desabrochar na cidadania: companheiras.

Várias ausências. Onde está Fúlvia?

O choque: não está bem.

O olhar angustiado de quem conta revela o eufemismo:

Não é um mal passageiro.

No outro lado do celular, a voz tranquila de sempre:

Estou internada, fazendo testes de câncer

Não queria saber o resultado dos testes do cérebro

mas eles foram bons.

Se declara um tanto cansada com as drogas tomadas para os testes,

Mas é a mulher de sempre,

Firme e forte,

tendo clareza sobre o que quer e controle sobre o que faz.

Agora, deixa um buraco no mundo. Imenso.

Mas também deixa uma rica herança.

Seu exemplo e as inúmeras pessoas

Cujas vidas ela tocou.

Campeã das creches como justiça social e liberação feminina
Alma do *Mulherio*, abrindo novas fronteiras, fazendo ouvir novas vozes
Ousada pesquisadora das injustiças raciais
Dinâmica impulsionadora de oportunidades para os injustiçados
Professora e mentora por excelência.

Muitos e muitas não a esquecerão,
Muitas e muitos mudaram suas vidas por sua causa.
Guardarei comigo recordações preciosas.

O primeiro dia em que nos encontramos.
A jovem que voltava de Paris com um vivo interesse nos estereótipos
sexuais nos livros infantis.
Nossa afinidade imediata com uma causa comum.
A seriedade ao considerar nosso convite para se juntar à Carlos Chagas.

O trabalho da bibliografia anotada.
O senso de humor ao lidar com os egos,
O rigor na metodologia,
A disciplina na execução.

A ida a Brasília para inaugurar a CPI da mulher,
O deslumbramento de encontrar Nelson Carneiro nos esperando no
aeroporto,
O quarto compartilhado no Hotel Nacional, onde dividimos ansiedades e
esperanças.
A enorme responsabilidade enfrentada com competência e segurança.

Nossos caminhos se separaram,
mas nos encontramos várias vezes
Em diversos pedaços do mundo,
Onde compartilhamos interesses comuns:
Paixão pela mudança social, é claro,
Mas também: boa comida,
Boa literatura, boa vida.

Sofro sua ausência,
Mas prezo muito
A presença da sua memória.

CARMEN BARROSO

Diretora da International Planned Parenthood Federation [Federação
Internacional de Planejamento Familiar] – IPPF, Nova Iorque